

Mia Couto: um escritor e sua voz: escutas, silêncios, experiência

Esta história foi Mia Couto quem me contou.

E quem lhe contou foi o grande escritor zimbabuano Jean Gerard Hove. E Mia Couto contou-me assim:

A avó de Hove vivia na montanha de Chimanimane que faz fronteira com Moçambique. Isso foi lá pelos anos setenta. Hove sabia que a avó nunca tinha visto um rádio, deste radinho de pilha, sabes? Então, ele levou um para a avó ver. Ele queria ver a reação da avó perante aquela coisa, perante aquele aparelho mágico, sabes?

Ia com o amigo e apostava com o amigo dizendo:

- Êpa! A minha avó, quando eu ligar isto, ela vai fugir, ela vai ficar a tremer. Ela vai... E outro dizia que não, que ela não se surpreenderia. Quando chegaram lá, mostraram-lhe o radinho de pilha, ligaram, estava a dar o noticiário, noticiário em Shokwe, a língua da avó.

Então, a avó, ao contrário do que Hove pensava, não ficou intimidada. Escutou, escutou e inesperadamente perguntou:

- Este homem que está a falar aqui dentro desta caixa, está a falar coisas que saem da boca dele ou coisas que alguém disse para ele dizer? Então o escritor, seu neto, lhe perguntou, mas por que perguntas isso, vó? E ela lhe respondeu:

- Porque ninguém fala assim se está a dizer a verdade.

Pude reparar que nada passa despercebido ao participativo cidadão na sociedade onde vive. Muitas de suas observações não devem receber aplausos calorosos dos que fazem do poder sua maior ostentação, em particular os que refletem suas opiniões sobre os principais problemas sociais e económicos de seu país. O que pude observar é que o escritor desempenha extraordinariamente seu papel e tem forte presença de palco no teatro que constitui seu país natal.

Nossas conversas ocorreram entre 28 e 29 de outubro, das 10 da manhã às 12h. Ficamos na mesa de seu amplo escritório, em sua empresa. As paredes da sala eram claras, o piso de madeira bem polida. A luz era intensa na sala e o vento que a arejava

vinha da porta-janela às suas costas e parecia querer acordar cada canto da sala só sossegou um pouquinho antes de iniciarmos o diálogo. Sua delicadeza, atenção e interesse ao tema sobre o qual me propus discutir me fizeram relaxar e até me entusiasmar, coisas que raramente a timidez me deixa sentir. A propósito, ao ler a transcrição e rever as imagens captadas pela filmadora para a qual ele me ajudou a montar um pedestal com livros faz com que eu me veja como uma espécie de aprendiz de instantes, aqueles impalpáveis da ficção que só um ser humano com tais características é capaz de fazer sentir, mas ali estávamos nós.

Voltando à avó de Hove... Ela está nos ensinando algo sobre o silêncio, não é mesmo?

Mia Couto: Sim, é a melhor descrição. Foi a história que desejei contar já que tu estás a falar do silêncio. Uma coisa que para mim deu-me um grande prazer.

O locutor falava a mesma língua com o mesmo sotaque. Mas o que a avó de Hove estava a falar eram das pausas, do que ele não falava, eram os silêncios. Aqueles momentos que o locutor imitava dos locutores da BBC etc. o que parecia que aquele homem não falava uma coisa de dentro. Falava uma coisa que foi encomendada.

Essa história é uma história bonita sobre o valor que tem a pausa, o silêncio, a música da língua, aquilo que torna um discurso estranho ou próprio. Essa história foi uma surpresa muito bonita.

Isso faz lembrar das referências que fazes à escuta em algumas das tuas obras. Para ti, uma boa escuta pode substituir o testemunho?

Mia Couto: Não sei se vou responder ao que tu me estás a colocar. Mas eu acho que eu acabei sendo escritor porque acho que sou um bom escutador. Então, desde menino eu acho que foi o lugar que me foi atribuído em casa. Eu sou um bocadinho o personagem da história que escrevo. Eu só sou isso porque em casa eu era tímido, eu tinha um lugar periférico naquela constelação familiar, sabes? E eu tinha que descobrir o meu lugar por via do silêncio, por via dessa afinação do silêncio. E percebi que a única maneira que eu tinha de ser amado, porque é isso que um menino busca, é ser amado, não é? E a única maneira, para mim, era ser capaz de trabalhar nesse domínio do que aparentemente está ausente, do que está oculto. Lembro-me que isso foi um bocadinho fomentado porque os meus próprios pais diziam: “ah, ele é um pouco atrasado, tem um pouquinho de retardado”, tinha uma coisa mais ou menos assim porque eu era desvalorizado, não tinha habilidade das coisas práticas, sabes? Então, no fim da conversa sempre

perguntavam, e tu? E aquele era o meu momento. Eu tinha que saber mostrar, exibir, as pequeninas pratas, os pequeninos brilhos que eu recolhia do chão das coisas, que nesse momento eu tirava do bolso e mostrava, exibia: “estão aqui as coisas” que era a pequenina graça, o fazer rir, sabes? Que era o lugar do palhaço, mas um palhaço que não tem outro material senão esse material que vem dessa escuta dos outros. Acho que isso foi criado. Acho que eu comecei a ser escritor assim porque não sabia falar.

Então, poderíamos falar também de experiência... Falas de um silêncio que não pode ser visto como imposição. Para ti, pode haver uma vocação para o silêncio.

Mia Couto: De fato, no meu caso foi um convite para encontrar no silêncio um tesouro. Um chão que se tem que garimpar para encontrar aquilo que para mim era o único lugar de afirmação, onde eu podia dizer: “estou aqui”. Era o único momento em que eu podia me mostrar no universo que era a minha família.

Parece que eu também fui ajudado por um mundo exterior. Havia um mundo, que é este mundo que conheste aqui (referindo-se a cultura silenciosa do povo moçambicano), em que o silêncio é o lugar de significação plena, não é uma ausência, é um modo de falar. Começa logo quando as pessoas se cumprimentam. Tu vês que há ali uma distribuição de vez e de voz... Agora falo eu. Agora tu escutas. Depois eu sei em que momento eu tenho que me calar... E havia uma outra coisa que sempre me fascinou nas duas culturas nas quais eu estava inserido. A cultura dos meus pais era uma cultura em que o silêncio metia medo. O meu pai tinha medo do silêncio da minha mãe, quando ela não dizia nada. Era um medo, por exemplo, como aquele que a gente sente quando está no elevador e de repente toda a gente se cala e alguém tem de preencher aquilo, uma espécie de temor do vazio.

O silêncio nessa outra cultura, a africana, me ensinava outra coisa. As pessoas podem estar caladas em harmonia absoluta e não há que ter que ocupar aquilo rapidamente. Esse outro lugar do silêncio sempre me fascinou muito.

A Clarice Lispector disse algo muito interessante, certa vez: “nas atividades da mente do oriente há algo de silencioso, calmo, imperturbável que parece estar olhando para a eternidade.”

Parece que, em tuas palavras, tu sugeres o silêncio moçambicano como algo relacionado à posição geográfica. Seria esse o “silêncio como herança”, como bem escreveste?

Mia Couto: Eu acho que sim, África Ocidental e África Oriental são universos muito diferentes, nesse ponto de vista. Eu imagino que se tu tivesses feito tua permanência na Nigéria ou em Angola provavelmente tua sensação seria diferente.

Moçambique é oriente nesse aspecto. A relação mesmo com a retórica do não. Como é que aqui o não não se diz. Isso é uma coisa muito oriental. O silêncio aqui pode ser pensado como um espaço de troca. Tem também um componente religioso. Há vozes. A gente sabe que há outras vozes. E essas vozes não nos metem medo. São as vozes dos antepassados, dos espíritos que estão conosco e comandam muito da nossa vida. E esse lugar de respeito que tu crias ao estar calado é uma maneira de torná-los presentes. Esse é o grande equilíbrio, essa é a grande harmonia que tu procuras na tua vida. Esse laço com os que não estão, mas que estão. Há muito do que tu podes explicar, aqui em África, ou nesta África, que é a única que eu conheço, que vem pelo lado religioso, que é tão fundo, é uma coisa tão para além dos sistemas sociais, de circunstâncias temporais que tem que vir de muito antigo e esse muito antigo é o lado religioso. Este lado da religião com o mundo, com o lado oculto, com o lado invisível.

Eu acho que, no fundo, o que somos são o resultado dessas aprendizagens. Ninguém é só por herança ou por qualquer coisa genética. Portanto, essa anterioridade é construída. Acho que isso vem da infância.

Recordo-me de um professor do Congo que chegou a Moçambique e não me conhecia pessoalmente. Os livros em francês não levavam a minha fotografia e ele não sabia que eu era branco. Logo que chegou cá, ele telefonou-me e disse: “Você é um autor que eu dou lá nas minhas aulas, na Universidade, porque você é um exemplo de um africano que vai resgatar a voz dos seus antepassados africanos, não sei quê.” Eu não tive coragem de dizer eu não tenho antepassado africano, mas ele como que estava tão entusiasmado, empolgado naquela vez, disse-me “agora quero encontrar-me consigo, você não pode vir aqui ao meu hotel?” Eu disse: vou! E aí percebi bom, vai ver nesse momento que ele vai perceber, há qualquer coisa que vai ruir. Ele desligou o telefone e, passados três, quatro minutos, ligou e disse:

- Olha! Quero dizer que agora liguei a uma outra pessoa e essa outra pessoa me disse que você não é das tribos mais representativas da África.

Mas ele construiu na cabeça dele. Quando eu cheguei ele já tinha resolvido ele disse você tem que ter algum antepassado não só africano, mas do Congo.

É tão forte essa ideia de que é preciso buscar essa explicação quase biológica do teu ser. Alguma história que você está a contar não pode ser encontrada dentro de si ou na sua infância. Eu acho que isso é tudo uma construção. É fascinante ver como as pessoas estão presas a essas coisas.

Então a voz é uma variedade do silêncio... Essa seria uma aprendizagem que deveríamos buscar?

Mia Couto: Sim, eu busco. O ser escritor me faz pensar que a palavra tem limites. A palavra até certo momento diz, mas depois já não pode dizer. Essa coisa de perceber que a palavra não diz tudo, não serve pra tudo.

Eu tinha quatorze, quinze anos quando eu tive que dar condolências a alguém. Uma vizinha minha, uma senhora já com certa idade. Morreu-lhe o filho e disseram-me: “ó, tens que ir lá, vais lá, apresentar condolências!” Eu me lembro que foi a primeira grande briga que eu tive com uma palavra. E todo o momento eu pensava: condolências, condolências. Mas condolências é uma palavra que não cabe dentro de mim. Pensei: sentimento. Não, sentimento não dá! E com aquela briga entre as condolências, pêsames, pêsames era uma palavra pesadíssima eu não aguentava com ela, sabes. Quando cheguei disse: parabéns! Disse uma coisa horrível, sabes? E a senhora, coitada, nem ouviu bem. Mas quem estava ao lado ouviu e eu percebi. Esta foi uma coisa tragicômica, sabes? Porque ela disse muito obrigada, aceitou. E aí eu pensei bem. Aquilo que eu tinha a dizer só podia dizer sem palavras, com um abraço, com qualquer coisa, com um silêncio. Essa foi uma espécie de confirmação de que há momentos que tu só podes falar pelo silêncio. E há intimidades que só podem ser criadas pelo silêncio.

Estou aprendendo isso aqui... As pessoas muitas vezes querem dizer que me recebem, mas elas não me falam, demonstram por gestos. Aquela senhora que me deu uma capulana... achas que poderia ser um bom exemplo?

Mia Couto: Sim. Nesse caso, é quando quem te dá alguma coisa, mas há também quando expressamos algo. Por exemplo, há alegrias que só se exprime dançando. Não podes dizer. Estás tão feliz... Queres mostrar que esse contentamento te encheu de tal maneira que a palavra não chega. Aí danças para mostrar que estás feliz. Acho que aqui também a maneira como o corpo se assumiu como “dizador” de coisas, como portador de palavras. Isso também implica libertar o corpo para ele ser porta-voz, que é uma

coisa que o meu lado europeu nunca me fez conseguir. A Europa pensa muito! Noto que aqui é assim, as pessoas percebem que podem dizer coisas com o corpo. Coisas que não podem ser ditas pela fala.

MIA COUTO

2010